



Blumen

moa sipriano

m o a s i p r i a n o . c o m

BLUMEN

Moa Sipriano

Chuva e Frio

Certas coisas que ocorrem em nossas vidas têm o poder de praticamente “pirar” nossa lógica falha. O interesse de dois seres em compartilhar corpos, mentes e almas. O anseio em ser feliz, liberto, pleno. A esperança do reinício concreto, por mais intrigante e sufocante que isso representa a cada mudança necessária de turnos.

Medo do desconhecido?

O tempo galopou e nossos contatos tornaram-se corriqueiros, intensos, absurdamente aguardados na primeira hora da próxima madrugada.

O terceiro coração – pobre coração! – foge alucinado para além do peito arfante, pimpando no etéreo, de um lado para o outro, alegre e faceiro no bombear constante da visceral felicidade.

A descoberta dos mesmos anseios, o desabafo emocionado em linhas nervosas digitadas na desastrada correria, pipocando na tela dos notes curitibanos. Nossos olhares castanhos e azuis em brilho máximo, lacrimejando discretamente a ansiedade do princípio de namoro, dessa união a superar o improvável virtual.

“Virtual”. Palavra incorreta. Não acredito que nosso engate se manteve nem por um segundo nessa tal de virtualidade. Não, não mesmo. Tudo foi tão palpável desde o primeiro “curtir”. Tudo é tão denso de emoções e sentidos mesclados nas amarras acentuadas da pura Afinidade.

A incrível capacidade de fechar os olhos e sentir o cheiro adocicado do outro, a textura suave da pele do outro, o calor e aconchego do abraço do outro. Abrir o olhar e se maravilhar com os exibicionistas sexos rígidos e alucinados a agredir todas as variantes da libido, adoidados para cuspir o puro néctar em nossas bocarras, em nossas fendas marianas, sobre nossos peitos flamejantes, fartos em pelos ariscos feitos fogos de artifício em setembro.

É evidente que medos e dúvidas assolam nossa trajetória, mesclados com a inquietação e o tesão imensos a envolver nossos fracos espíritos atribulados. Sentimos aquela vontade insana de gritar, de teletransportar nossas mãos amornadas através dos *pixels*, e assim tocamos nossas faces afogueadas, enxugando nossas lágrimas petrificadas em palpitações e glórias.

“Lágrimas”. Linda palavra que revela o mistério do Amor.

Perdi a conta do quanto já chorei por você.

Já não me envergonho em afirmar que no derradeiro e tão aguardado encontro físico, sinto que as palavras ficarão obsoletas no oitavo plano. Sei que duas lágrimas

e duzentos soluços revelarão o quanto amo você, o quanto desejo você, o quanto foi necessário o meu navegar solitário durante séculos e séculos de saudades e ausências forçadas até adquirir o direito de compartilhar o mesmo plano que você, sabendo que esta – aleluia! – não será a última vez. A última vez em plano terrestre, pelo menos.

Durmo e acordo atrelado à sua presença. Suas imagens em praias, sofás e festas de formatura pipocam nas minhas telas e assim ganho o direito de viajar no seu sorriso tímido e na extensão dessas coxas e braços memoráveis.

Sonho desperto em ser agarrado com boa pegada por suas mãos germânicas, viris e sensíveis, repleta de alienados desejos não mais ocultos. Excito-me só de vislumbrar a maravilha do teu sexo envolto em pecados inexistentes, bailando entre meus lábios e minha língua traquina.

Meu corpo liquefaz os ossos, enquanto imagino você todo inserido em mim-eu-mesmo, estocando a fundo sua imponência no meu rabo guloso. Ao mesmo tempo em que lambe minha nuca, que aperta meus bagos, que me prende e me cola em seu íntimo, como se nunca mais fosse possível uma separação de pelos e pele, suor e sêmen.

Na gloriosa tarde de chuva e frio, viajo numa outra realidade de um instante único com você, meu homem: deixando a farra do tempo lá fora embalando o nosso amor, enquanto nos roçamos – arqueiros arteiros! – debaixo das cobertas.

Quantos beijos gulosos e velcrados quero roubar dos seus lábios finos. Quantas línguas densas quero esquadrihar pelo seu corpo transparente, sentindo você a gemer e urrar a cada passagem da minha boca perspícaz, do meu cavanhaque sensual e desgrenhado, dos meus dedos rústicos a tatear todos os seus poros, dobras, orifícios sorridentes e costas largas.

Viajo na projeção de “n” tardes de chuva e frio, onde cada um se concentra na sua arte, navegando em cores, texturas ou parágrafos e romances; onde do meu canto, enquanto direciono meus personagens para o Amor ou para a Dor e brinco de deus, posso esticar meu olhar lascivo e apreciar meu amado do outro lado do cômodo, focando pinceladas difusas em mais uma tela não virgem, dando-lhe vida, cor e a revelação do Oculto.

Sorriso satisfeito e sorrateiro. Imagino o desdobramento de futuros “uau!” a mais uma coleção de premiadas obras-primas.

Você e eu somos detalhes inacabados no aguardo de um encontro que fundirá dois destinos no sorriso de uma nova Monalisa. Só eu posso decifrar você em palavras e poesia. Só você pode recuperar meu sorriso através de pinceladas repletas de tons pastel e alegrias cintilantes.

Já experimento na minha pele morena todas as manhãs de sol e ventos vindouros, enquanto suspiro diante do lindo casal pelúnico de mãos dadas a bailar pelas praias desertas de uma ilha comprida. Eu, em suor e sorrisos, a dirigir seus exercícios matinais, auxiliando-o em mais uma etapa agradável de bem-estar e saúde e superação.

Afinal de contas, como esquecer que sou eu o guardião do seu segundo coração?

Emociono-me ao sentir todas as noites futuras de filmes e cervejas, onde me divirto ao retirar as legendas dos vídeos, forçando você a decifrar outras línguas enquanto me beija. Fico em deliciosas histerias ao constatar seu surpreendente progresso – sempre fui um bom mestre! –, presenteando sua fronte com o décimo selo merecido, seguido de longos abraços e afagos a cada acerto seu na língua de Colin Firth, verdadeiro tesão das nossas fantasias.

Tal era vai se materializar em breve!

Oh, meu alemão tresloucado, quero amar você em português, inglês e fodês!

Dias de trabalho e arte. Dias de descanso e namoros.

Pegar Picanto e sair sem rumos além das areias cremosas e mar sereno, admirando a criação divina do lado de lá das janelas escancaradas, vento nas fuças e sorrisos brilhosos revelados atrás de “ráibãs” paraguaios, tudo embalado ao som de All India Radio. Sinto o vibrar do seu corpo germânico ao ser atacado pela minha mão paulista a invadir sua coxa direita, confirmando sem palavras: “estou aqui, ao seu lado, a lhe proteger para sempre, meu divino!”.

Uma existência simples, porém recheada de loucas descobertas a cada minuto, onde a rotina perde espaço, sendo jogada para debaixo das dunas de abril, esquecida, superada. Uma vida renovada, repleta de aprendizado diário; de atenção e cuidados embebidos por um amor-companheiro.

Meu homem, meu amado: eu sonho em domar a sua dualidade!

Preciso de você e desse seu sorriso tímido a implorar um eterno “fica comigo” tão marcante. Entre meus seios pelúnicos, quanta coisa em reservas especiais a compartilhar em amor, amizade e doce companhia contigo, na vida. E com todo Universo, na arte!

As palavras se apagam, mas o coração ursino esgoela-se em júbilo.

Por outro lado, foda-se, eu choro. Copiosamente!

Amo você... como jamais amei outro homem.

Quero você... como nunca desejei alguém em tamanha intensidade, durante todas as passagens pelas quais me foi necessário vagar em solidão, dor, aprendizado e renúncias.

Trezentos e quarenta e oito. Chegarei aos setecentos e doze?

Feche os olhos e sinta a serenidade trêmula dos meus lábios fartos nos seus lábios apagados. Busque a ponta da minha língua robusta com a extensão da sua língua miúda. Mordisque meu queixo, faça-me louco, sinta minhas mãos prendendo seu corpo compacto junto ao meu corpo estendido em exultação e calorescência. Beije-me com violência e sustente o poder da minha mão esquerda a massagear seu sexo estúpido. Agarre minhas massas peludas, desbravando com esses dedos túrgidos o caminho do nosso prazer. Deixe-me roçar meu caralho latejante no seu pau espumante, enquanto nossos sacos se acarinham no oculto tão bem revelado. Rodopiar seu corpo másculo e viajar com minhas mãos ignorantes por toda extensão das suas costas divinas. Petiscar suas nádegas de leite, tragar suas pregas rosadas e permitir seu saco rígido a ronronar aconchegado no céu da minha boca. Retirar o lacre intocado, elevando seu rabo empalado pelo meu báculo esculpido em carvalho. Lamber as dobras das suas pernas além dos fios dourados, causando cócegas intermitentes e tesão renovados.

Sinta o peso dos meus músculos cafuços, onde meus fartos pelos grisalhos ralham das partes nuas da sua pele tímida, inquieta, radiante. Faça amor comigo, lentamente. Faça sexo comigo, com a fúria de um titã. Realize tudo, absolutamente tudo ao mesmo tempo longe do tempo incrustado no Tempo. Goze nas minhas peles, borrife os meus orifícios, encharque a minha boca.

Autorizo seu leite ancestral a bailar com liberdade nos labirintos do meu interior infernal. Tomo posse da sua essência, agora bem preservada para sempre no meu jardim secreto, enquanto minha alquimia escorre sôfrega pela sua garganta dilacerada no finalzinho do segundo ato.

O grande dia está chegando.

Busco você por inteiro, meu homem, meu amado.

Sou seu “marco” seguro e mereço só nós dois nas eternas tardes...

... de Chuva e Frio!

Cuore

No meu caminhar infinito, abençoado pelo âmbar de um fim de tarde esplêndido, estanco meus passos por alguns instantes, repousando meus pelos eriçados e músculos abatidos no comprido banco de concreto e madeira.

Direciono meu entristecido olhar castanho, perolado, para o alto.

Em devaneio consciente, buscando compreender o que “a turma” atrás da Grande Nuvem apronta na minha existência, eu gargalho, choro, não acredito no inevitável.

Os aspirantes a Usain Bolt ficam pasmos com minha loucura declarada, espantados com minha sinfonia de risos histéricos, tonteados diante do meu choro pra lá de compulsivo.

É fato consumado que na dor tendemos ao abraço lesmódico do Desespero, buscando a frieza da Solidão, entregando pontos marcados à cretina da Depressão, acreditando que não somos merecedores de uma nova ou derradeira possibilidade de boa fortuna, nem que seja para viver um único segundo de superior alegria.

Adoramos engalfinhar nossa cretinice numa orgia banal com a Trinca de Merda.

Há homens que são abençoados. Mesmo atravessando mares conturbados, aprenderam a superar as diabruras do Destino – esse caolho desfigurado – e construíram a beleza de uma vida; beleza refletida em filhos ou netos, no alicerce de uma sólida família, onde união e companheirismo foram durante muitos anos a tônica que alicerçou a caminhada até aqui.

Pra variar, foi num setembro – mês onde tudo se/me realiza – que ocorreu a Grande Revelação: o último amor estava rondando todos os céus de um Sul mancomunado com “um” São Paulo, donde arraigado na escuridão de uma ostra gigante, jazia em silêncio e esperança uma sábia pérola negra.

Pérola de brilho intenso, porém tolhido no entristecer de um isolamento voluntário. Joia armazenada no limbo da dor, pedra de um círculo impossível a sonhar com a abertura de todas as celas da bocarra daquela grande ostra, onde o sol sulista de um azul magnífico se materializou para aquecer as bordas do calcário paulista; e assim, finalmente, a magia se fez penetrar. E calor e luz enfim libertaram a joia do seu casulo sufocante.

Essa é a parábola da minha realidade. Quando acreditava destinado à reclusão em sexo e amor, os Alados resolveram chacoalhar meus brios, indicando um novo desafio – a última parte da Grande Missão outrora escolhida antes do “descimento” – a cobrir de forças barbarellas meu pobre coração atrofiado.

E assim ela voltou a brilhar, essa doce Pérola Negra. Sua luz própria, de matiz furta-cor, trouxe alegria misturada com a exata dose de uma esperança insuspeita ao príncipe sulista da terra das flores mágicas.

Eu, feito joia rara, me tornei talismã do amado príncipe. Azul e Caramelo fundidos em um só corpo. Branco e Moreno mesclados em uma só pele, envolto em pelos castanhos e alourados, macios e sensuais, trançados por mãos angelicais.

Definitivamente, Deus espora litros de satisfação quando se depara com duas almas dispostas a cultivar o Amor, gerar frutos com o Amor, distribuir fragmentos do Amor a todos, sem distinção, na senda da Diversidade.

O príncipe – outrora sapo decadente no desacreditar de uma última oportunidade de ser Completo – acordou no tempo preciso para degustar a fartura da renovação dos seus últimos dias na Terra.

Meu príncipe, postulando por merecimento o altar dos grandes reis, saiu-se vencedor ao compreender o significado do verdadeiro sentido do Amor.

Ele descobriu que sua joia, metamorfoseada num anjo barroco, lhe foi presenteadada pelo Divino como forma de mostrar que tudo vale a pena ser vivido com intensidade (colhendo-se aprendizado) no transcorrer de uma existência.

Se acreditarmos e batalharmos pelo Correto, somos bonificados com centelhas da Boa Magia.

O Rei havia provado o amor dos filhos, amor dos pais, amor da companheira, amor do “grande cunhado amigo”. E agora, finalmente, era chegada a hora do destroçar da última amarra. Era chegada a hora de amar novamente; amar aquele que seria a razão-resposta de uma vida.

O Rei descobriu e aceitou prostrado o Amor por uma joia viril a desfilas sensibilidade em lábios carnudos e mastro a pino.

O Tempo deixou de ser tempo. A realidade expôs sua verdade. Almas companheiras que se reencontraram para selar o último compromisso antes de seguirem – juntas! – novas paragens além-mar.

Pérola que se funde ao novo Rei. Rei que se une em beijos e carícias e afagos e sorrisos e intensa satisfação não descrita nem mesmo pelo mais notável dos poetas.

Pérola que se mescla ao dono do mais sereno segundo coração, abrilhantando o interior outrora conturbado do grande Escolhido, hoje tão amado.

Oh, meu Rei, meu Amo, meu Senhor. Aceite meu *cuore* mesclado ao seu por todo tempo que nos resta.

Oh, meu Grande Amor, autorize minha língua macia a deslizar pelas cicatrizes do seu corpo não mais ferido. Permita que minhas lágrimas de fino cristal rolem por toda extensão da sua vasta coluna, aplacando todas as dores de um espírito não mais

abatido, onde minhas mãos rústicas – divinas mãos calejadas pela dor! – relaxam sua pele não mais cansada.

Deite-se ao meu lado. Beije-me as pálpebras, enquanto acariciou seu rosto lívido, aquecendo-o com chispas do meu fogo beneditino.

Esqueçamos o Mundo, o Tempo, os Outros. Venha para minha casa de calcário e sal. Disparemos *blumens* por todos os cômodos, onde a fusão do vermelho e branco dará o tom do nosso casamento não mais conto-de-bambees.

Se entregue ao meu calor e sinta a textura da espessa camada de carinho que há em meu toque preciso. Deixe-me envolvê-lo em luz e cor e sabor e o mais doce veneno que aniquilará de vez todos os Medos que porventura insistam em habitar por baixo da couraça do meu Escolhido.

Ouçamos o trinado do Silêncio. Embarquemos na grande carruagem de fogo. Penetra-me com sua adaga e sirva-se do meu sangue. Encharque minha boca com sua essência liquefeita no teor, porém sólida no conteúdo de todas as suas vidas a fundirem-se com a minha própria vida, após o sobe e desce do meu céu interior sobre o Etna no centro das suas coxas douradas, travando – suspiros trêmulos! – meu cérebro desnudo.

Cuore. Sou seu terceiro coração a bombear alegrias, prazeres inenarráveis e a certeza de um merecido Novo Caminhar.

Vendo o Tempo, deixando-o cego, estático, patético. Imploro tempo ao Senhor do Tempo. Ele me ouve. Ele acata meu último pedido. Ele abençoa a união atemporal de duas almas que fizeram por merecer a vivência do Puro.

Nas minhas orações, oh meu Grande Rei, eu fui agraciado com a Visão: a joia transformada em carne e sangue a pulsar na sua alma nobre.

Sacrifico-me em júbilo no caminhar de um novo tempo. Pois é a você – Meu Amo – que amo!

Cuore. A pulsar horrores aqui do outro lado. Onde veias-viadutos promovem a correria infinita da seiva da vida. Uma vida dedicada ao meu amo, onde o sorriso do rei e seus abraços vigorosos promovem a mais bela das transformações: uma pérola negra tornando-se um novo coração a unir-se com a alma do seu grande amor.

* * *

Retiro lascas de suor da minha alma calva. Alongo o músculo no centro das minhas coxas estúpidas. Caminho no finito percurso. Aprecio a imagem do meu *Cuore* em cores-oled que gritam atenção no meu SmartTudo.

Minha aura contagia a todos que esbarram na energia do meu ser orgulhoso, enquanto caminho acima do pavimento em cascalho. As árvores ampliam a

fotossíntese, absorvendo minha alegria, convertendo toda liberdade em flocos do mais apetitoso Amor. Em devaneio consciente, buscando compreender o que “a turma” atrás da Grande Nuvem aprontou na minha atual existência, eu gargalho, choro, e agora acredito no poder daquilo que jamais foi inevitável.

Tempo

“O Tempo deixou de ser tempo. A realidade expôs sua verdade. Almas companheiras que se reencontraram para selar o último compromisso antes de seguirem – juntas! – novas paragens além-mar.”

* * *

Eu acreditei na ingenuidade do meu devaneio. Apostei e investi a última cartada, confiando no brilho difuso da Sorte Grande.

Desnortado, até agora busco respostas para todos os meus atos referentes a você. Sobre o tal “amor” que eu tanto preguei, ele ao menos continua intacto: é real, é verdadeiro, foi honesto.

Não posso negar a mágoa profunda que invadiu meu peito e triscou meu rosto com lágrimas densas, quase histéricas, nada disfarçáveis, aqui no meu ambiente de trabalho. Não posso calar sua ácida voz em minha mente evaporada. Não consigo apagar seu timbre lacrimoso estampado na tarde de ontem, durante nossos últimos vinte e sete minutos de união Tim-Tim.

* * *

São dez horas da manhã de um sábado bizarro.

Cheios de garra, eu e meus meninos abrimos o dia embebidos em euforia, a fim de realizar o próximo grande evento.

Enquanto cada um no seu quadrado finaliza os últimos detalhes de uma perfeição bem programada, aqui no meu cubículo imaginário sinto ódio por mim-eu-mesmo. Destilo impotência diante da realidade dos fatos que eu não posso alterar. Aquele último telefonema rompeu de vez o laço que nos unia.

Sinto tristeza por não poder lhe acompanhar nos seus exames de rotina. Sinto desconforto por não poder compartilhar uma mera visita; fazer minha aura presente talvez num instante mais do que crucial, devido ao estado de delicada atenção referente à sua saúde.

Que merda! Em momentos difíceis eu simplesmente não ter o direito de descer e ficar ao seu lado, mesmo atuando como “amigo” para que você possa manter aparências diante da sua família!

Que mágoa não poder protegê-lo, não ter o corpo compacto do meu macho em meus braços e consolar meu marido nas horas de angústia, dor ou até mesmo na solidão tão palpável que você tomou pra si.

Que foda comprovar – e assumir! – que sempre serei um mero coadjuvante, um típico amante amado de temporadas de minutos ou uma ou duas horas de união, onde teríamos que nos esconder em quartos de hotéis distantes, ou em becos escuros, ou dentro do seu carro bolotinha para só assim nos beijarmos, amarmos e chuparmos nossos espíritos assustados.

Que dor saber que nunca poderei frequentar a sua casa, pois eu jamais conseguiria encarar no mesmo ambiente a sua (não era para ser ex-?) esposa, seus filhos, o Biriba, ou até mesmo o Jimi Hendrix, esse protótipo fofo de Shih-Tzu que vive grudado no seu colo!

Que bosta não poder recebê-lo em minha casa para dias de alegria e prazer, pois sei que qualquer ausência mais prolongada da sua ilustre pessoa – ainda mais “perdido” em Sampa – certamente o desconforto da vigília da esposa oficial seria algo patente, “quebrando” toda a nossa intimidade, gerando preocupações e desvarios desnecessários.

Gsuis. Custo a compreender. Segundo toda aquela conversa, já que acabou o amor e qualquer vontade de manter vínculos, vocês não estavam em vias de separação? Você não me afirmou inúmeras vezes que ia assumir a Simples Realidade perante seus filhos? Quem AINDA você tenta enganar?

Que angústia saber que em breve me tornarei pessoa pública, onde minha homossexualidade – razão do meu orgulho bem assumido – será destrinchada pelo mundo dito “artístico”, quando fãs leais e invejosos de plantão consumirão meus passos, idolatrando minhas atitudes diante da “militância” que é minha gloriosa sina, ou angariando desafetos maçantes perante os *boçalnaros malafaios* de guerrilha.

E cujo resultado da minha megaexposição será justamente afastá-lo ainda mais da minha iluminada pessoa néon, pois sei que por convenção e medo, é evidente que você não poderá associar sua imagem de pai, “hetéreo”, esposo e religioso padrão... com a figura pública de um gay que luta ostensivamente pela “causa colorida”.

Acompanho meus parceiros aqui na ONG trabalhando como lindos loucos. Felizes e motivados pelo ideal que plantei no *cuore* de cada um, tendo-me como líder de uma boa causa. É inexplicável ser a Fortaleza externa em que todos se espelham. Sinto-me um calabouço oculto que no aqui e agora se desfalece em ruínas diante do amor que se liquefaz em lavas pontiagudas a fermentar minha alma em dor e desespero.

Quando a exposição for aberta, sei que dentro de poucos dias a Segunda Mídia não vai me deixar em paz. Pensar que um dia eles até chegariam a você. E a máscara do Enrustido despencaria, despedaçando-se em vinte e quatro tiras disformes.

Eu conheço todos os universos paralelos. Já estive do lado de lá. Já tive marido “artista” e insuportavelmente famoso; e sei o que é viver de aparências globais para não ser associado a nenhum tipo de envolvimento que pudesse prejudicar a “imagem pública” do outro.

Digo isso tudo porque em breve a minha arte vai “chegar lá” e me dói saber que nunca poderei comemorar com meu marido as minhas conquistas enquanto artista; nunca curtirei meu homem livremente num simples passeio seja onde for, nunca contarei com a presença do meu macho em nada referente ao “social” ou seja lá o que... bom, deixa pra lá, dá-se a impressão de arrogância e gigantismo da minha parte. E você sabe muito bem que isso não faz parte de mim-eu-mesmo.

Estou me afogando no resto do meu tempo.

Quanta dor acumulada por saber que jamais poderemos sair para tomar uma simples Bud juntos, sem nos preocuparmos com o universo ao redor, sem horários marcados, sem esconderijos porcamente planejados séculos atrás.

Como andar numa Blumenau onde em todo canto há um ex-aluno seu?

Até agora não sei se me deixei levar pela carência explícita ou se fui tolo ou ingênuo a ponto de acreditar que unidos poderíamos mudar o Círculo e construir nosso próprio mundo, nem que fosse um cubículo de instantes de cúmplice união, farto prazer, lascas de alegrias, troca deliciosa de energias além do sexo, tudo imbuído no mais sereno amor.

Sinto-me péssimo por ter jogado no lixo – literalmente – o sentimento inocente que o Biriba ainda devota por mim. Não, por favor, não estou a defecar nada na sua cara. Não sou calhorda a esse ponto. Afinal, não tivemos culpa alguma pelo que nos aconteceu. Eu e ele já não mantínhamos mais contato – você sabia disso – e era sólido o que aflorou entre você e eu logo a seguir.

“... era sólido o que aflorou blá blá blá...”, começo a rir da minha ingenuidade trinta e cinco.

Porém, seria tão mais prático amar o seu cunhado, namorá-lo como havíamos idealizado durante “x” madrugadas... e construirmos juntos uma vida plena das mais delicadas realizações!

Céus! O Biriba sofreu pra caralho quando soube o que eu sentia por você, Sr. Blumen.

Sinto-me derrotado por – em partes – ser a gota d’água pelo fim do seu casamento, pouco importa se ele já se encontrava capenga, segundo sua declaração virtual ao pé do meu ouvido realista.

Maldito último telefonema!

Gsuis. Eu realmente custo a compreender. Segundo toda a última conversa, já que acabou o amor e qualquer vontade de manter vínculos, vocês não estavam mesmo em vias de separação? Você não me afirmou um milhão de vezes que ia assumir a Simples Realidade perante seus filhos? Quem, meu deus, quem AINDA você tenta enganar?

É evidente que quando a Família Exemplo descobrisse o nosso caso-do-acaso, fatalmente eu seria culpado por tudo, pela “destruição” de um lar capa de revista de domingo, etc.

Oh, sinto-me horrendo em saber que fui eu a revelar meu amor por você justamente para a pessoa que tanto amor dedicou a mim. Socando minha testa maquiada e caindo na real, descobri que o Biriba não merecia vivenciar o choque que ambos detonamos sobre ele. Tudo por culpa minha! Minha?

Você, pela covardia e medo (baseado nos seus fundamentos) de nunca ter se assumido como “bi” ao menos, enganando a todos e a você mesmo por tanto, tanto, tanto tempo. Eu, pela canalhice de ter passado milênios a enrolar o carinho que me amava, sem ter coragem e hombridade de revelar a ele que eu me apaixonara justamente pelo cunhado!

É terrível ouvir o egoísmo sussurrado ao telefone: “Fico contigo nos momentos possíveis e, de repente, no dia em que eu parar de te chamar de *Cuore* é porque nada mais sinto...” (deduzindo que o encanto – em ser descoberto – pode acabar em segundos, jogando-me para escanteio).

É devastador sufocar esse amor que dedico ao meu alemão e me enclausurar novamente na solidão, pois além de perder você, é fato que nunca mais terei a mínima chance de viver algo com o Biriba, já que minei toda a beleza que ele um dia cultivou por mim.

Não há Amor que resista à ausência da Confiança.

Sinto-me impotente, sem parâmetros para sonhar, agir, tomar decisões. Sinto-me o pior dos seres humanos por ter traído a mim-eu-mesmo, ao Biriba e a você, pois compreendo que depois que ler essas linhas desfocadas na sua tela HD, eu serei odiado.

Você vai acreditar que menti a você, que tudo que eu disse, escrevi, gravei, supliquei, gritei não passou de teatro barato, de enganações de um lunático, um demente, um filho da puta sonhador.

Eu juro e só posso afirmar que jamais, jamais, jamais brinquei um segundo com sua pessoa, com seus sentimentos, com sua vida. Nunca! E compreendo também o quanto você me ama. Eu sinto. Eu acariciei a honestidade da nossa paixão. Isso me basta!

Guardo aqui dentro o quanto ao menos fui sincero e sou verdadeiro nos meus dizeres finais: meu deus, como eu queria que nós tivéssemos coragem de enfrentar a sua sociedade e viver o fim das nossas vidas só para nós dois, perdidos no amor, envoltos no sexo delicioso, na evolução maravilhosa de dois pintos que se completam em tudo.

Nós dois temos tão pouco tempo. Não pense que é só você que sente a aproximação do fim de um ciclo. Eu pressinto que também não vou durar muito neste plano claustrofóbico.

Estou acabado, Sr. Blumen, desnorteado e sem rumo para comandar minha vida íntima, amorosa e sexual.

É evidente que não quero outro homem e que, de certa forma, ainda vou me guardar para o meu alemão, na minúscula esperança de que algum dia você consiga se livrar de suas doloridas amarras e, talvez, ainda possamos construir o nosso tempo juntos.

Sinto-me um traste por desabafar tudo isso via *e-mail*, num anexo LibreOffice gigantesco, sem ao menos lhe dar o direito de uma resposta, sem ao menos eu ter a “machesa” de encarar o fundo do seu olhar e me desculpar, humilhado, pela minha covardia no abandono.

Tempo não mais encarado como tempo no tempo exato de um tempo que deveria ser tempo suficiente para realizar todos os sonhos a tempo.

Eu seco minhas lágrimas embargadas num riso doentio diante de tamanha demência. Não sei o que fazer. Não sei em que faceta do Destino eu devo acreditar. Não sei qual rumo darei ao meu *cuore*.

Entre chuva e frio, já me sinto destroçado na saudade. Pois, acredite, se eu pudesse, largaria tudo aqui-agora-já nesta São Paulo fétida só para descer e lhe abraçar, beijar e sentir o seu afresco nem que fosse por não dimensionais oito segundos.

Mas eu sei que se eu fizer isso amanhã, não conseguirei mais ficar longe de você em definitivo. E viver à sombra de ilusões e mentiras e hipocrisia... acho que não merecemos isso.

Só imploro o seu perdão, oh meu príncipe que deveria ser O Rei, por terminar aquilo que nem recomeçamos. Só desejo que não cultive ódio por mim e que acredite que o meu amor foi (é) real!

Você foi o homem que soube arrebatá-lo esse meu *cuorezinho* tão cansado. Você é o macho divino que tive a honra de conhecer – suspiro! – mesmo aceitando a contragosto que não pude provar do cheiro da sua virilidade e do sabor mesclado dos nossos sexos em guerras... como eu idealizara.

Eu te amo, Sr. Blumen. Mas não tenho estrutura para prejudicar sua vida e viver na marginalidade de uma relação que jamais será livre, enquanto você persistir na dúvida do que você é, sente, almeja. Acredite ou não, vou permanecer “guardado”, divagando no meu sonho – mesmo que aparentemente impossível – de merecer você, por completo, um dia.

Sim, eu assumo pra mim-eu-mesmo que permanecerei submisso e masoquista durante um tempo não determinado. Não sou mais um rapaz de aventuras. Ninguém me desperta qualquer interesse. Tentarei alcançar meus objetivos profissionais para suprir o que perdi no lado emocional.

Sofro tremendamente por ter atirado para o Nada dois homens maravilhosos, ao ponto de até mesmo acreditar que eu poderia – egoísmo puro, eu sei! – amar a ambos na mesmíssima proporção, em todos os sentidos!

Perdi Biriba. Perdi Blumen. Perdi a mim-eu-mesmo.

Adeus, meu único e amado rei. Sua “pérola negra” acaba de decepar todo brilho, voltando à insignificância do isolamento, fechando-se na ostra podre de granito, cimento e silêncio, ignorando de vez qualquer menção referente ao Amor.

Se um dia você se sentir corajoso e livre para recomeçar e quiser me aceitar de vez no fim da sua existência, onde tudo aquilo que preguei pelo amor a você eu realizaria com toda devoção, estarei a lhe esperar, meu Vida.

Mas se você acha que tem que manter aparências e cumprir seu malfadado destino na obrigação de fechar-se no ciclo de pai, marido, ovelha submissa, etc... é algo que compete apenas a você; nada mais posso fazer para liquidar seus medos.

Não tenho direito de impor nada a ninguém. Só mantenho o direito de sonhar em me “casar” como se deve.

Mesmo com toda a dificuldade imposta pela sua doença hereditária, eu me sacrificaria com gosto a aprender tudo o que fosse possível para poder cuidar de você, com alegria, dedicação extrema, carinho e muito amor; e não mediria esforços para ficar ao lado do meu escolhido, auxiliando-o pelo resto dos meus dias.

Por favor, não estou a chantageá-lo com promessas vazias, mas você sabe que eu seria capaz de todo e qualquer ato para provar o meu amor por você e com você.

Espero que você supere os desafios vindouros referentes à sua saúde. Espero que encontre – mais uma vez – apoio incondicional do Biriba, o amigo-cunhado-irmão

que tanto lhe estima. Espero que vocês dois, um dia, possam me perdoar por todo aparente desconforto que causei a ambos.

Sim, faz muito tempo que a Submissão exerce tremendo poder sobre mim.

Não sou uma pessoa de porca índole. Acredito que amei demais meus Dois Ursos, e eu não soube conciliar o peso-valor-dimensão do nobre sentimento que ambos depositaram em mim, cada um à sua maneira.

Peço, mais uma vez, o seu perdão. Boa sorte na sua jornada.

Estou confuso. Bailando em calafrios, tento retocar os traços negros que enaltecem o brilho do meu olhar amarelado. Preciso ser forte e inabalável perante meus meninos e cultivar a “cara de McLanche Feliz”.

Tenho que bater os meus cabelos, segurar o mastro e levantar minha bandeira o mais alto possível, expondo ao mundo a beleza da minha Diversidade.

O espetáculo deve continuar.

Eu assumi aquilo que sou. Você se esconde daquilo que é. Nós nos acovardamos diante da beleza do que sentíamos e havíamos programado – ainda lá em cima! – de realizar aqui do lado rasteiro do Plano.

Mesmo assim...

Eu te amo.

Adeus.





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com · dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com · escritor@moasipriano.com**